

INTERNACIO-
NALIZAÇÃO
DA CIÊNCIA.
**INTERNACIO-
NALISMO
CIENTÍFICO**

TÍTULO

Internacionalização da Ciência.
Internacionalismo Científico

EDITORES

Ângela Salgueiro, Maria Fátima Nunes,
Maria Fernanda Rollo, Quintino Lopes

DESIGN E PAGINAÇÃO

Nuno Ribeiro, Nuno Pacheco Silva

ISBN

978-989-658-275-3

DEPÓSITO LEGAL

384924/14

EDIÇÃO

CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
RUA DE ESTRASBURGO, 26, R/C DTO.
2605-756 CASAL DE CAMBRA
TELEF. (+351) 21 981 79 60
FAX (+351) 21 981 79 55
www.caleidoscopio.pt
e-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

INTERNACIO-
NALIZAÇÃO
DA CIÊNCIA.
**INTERNACIO-
NALISMO
CIENTÍFICO**

cali
d o s c
ó p i o

EDITORES

Ângela Salgueiro
Maria Fátima Nunes
Maria Fernanda Rollo
Quintino Lopes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
ESPAÇOS E INSTITUIÇÕES	
Meteorologia e as observações instrumentais: a emergência da construção de redes internacionais XVIII-XIX Maria de Fátima Nunes, Maria João Alcoforado; Ana Cravosa,	13
Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e a epidemia de cólera de Lisboa de 1894. Debates e polémicas científicas Alexandra Marques, José Pedro Sousa Dias, Maria de Fátima Nunes	23
Associativismo em história e internacionalismo: a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (1911-28) Ricardo de Brito	33
Os institutos de investigação universitários e os fenómenos de internacionalização científica em Portugal nos anos 20 Ângela Salgueiro	43
A Junta de Educação Nacional (1929/36) e as bolsas de estudo no país: promoção científica num Portugal <i>europizado</i> Quintino Lopes	53
Narcisismos Luso-Alemães. Do Internacionalismo da Ciência no tempo dos Nacionalismos Fernando Clara	65
A divulgação da ciência “alemã” em Portugal pelos bolseiros da JEN/IAC. O caso de Artur Varela Cid e da aeronáutica Cláudia Ninhos	83

AGENTES E DINÂMICAS	
Epistolário científico e internacionalização da história natural setecentista João Brigola	99
O internacionalismo da medicina portuguesa: teses de luso-brasileiros em Montpellier Rafael Dias da Silva Campos	111
O papel dos Congressos e das Exposições Universais no desenvolvimento da telegrafia eléctrica em Portugal (1855-1879) Ana Cardoso de Matos, Liliana Maia Pina	121
Colecções privadas portuguesas no contexto científico internacional – António Paes da Silva Marques e Francisco Tavares Proença Júnior Elisabete J. Santos Pereira	133
José Leite de Vasconcelos e o <i>Additamenta nova ad corporis volumen II</i> de 1913: a epigrafa do <i>conuentus Pacensis</i> Pedro Marques	143
Reynaldo dos Santos (1880-1970): entre o internacionalismo científico e o “diletantismo” artístico Sara Cristina Silva	151
Relações de vizinhança e internacionalização da ciência em Moçambique: os encontros científicos realizados em Lourenço Marques (actual Maputo) entre 1913 e 1968 Luís Pequito Antunes	163
A transferência de conhecimentos de organização científica do trabalho: o papel dos consultores internacionais em organização Ana Carina Azevedo	175
Portugal-Brasil: mola real do Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina de Egas Moniz (1949) Manuel Correia	183
O 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (1958) entre a internacionalização da ciência e o internacionalismo científico Ana Cristina Martins	193
Divulgação Internacional da Arquitectura Portuguesa, 1977-1983 Cristina Emília Silva, Gonçalo Furtado	207
ÍNDICE REMISSIVO	223

INTRODUÇÃO

Este livro – *Internacionalização da Ciência. Internacionalismo Científico* – reflete agendas em curso de História & Ciência, nas quais a História da Ciência é focalizada num contexto de práticas científicas, de trocas e de circulação de saberes científicos na escala global da contemporaneidade.

Numa primeira parte tomamos contacto com *Espaços e Instituições*, um conjunto de estudos que cronologicamente nos situam no intervalo do século XVIII até ao século XX. *Meteorologia e as observações instrumentais: a emergência da construção de redes internacionais XVIII–XIX*, de Maria de Fátima Nunes, Maria João Alcoforado e Ana Cravosa, evidencia a forma como as observações instrumentais meteorológicas formaram uma rede de meteorologia europeia – séculos XVIII–XIX na qual Portugal participou através da ação da Academia das Ciências de Lisboa, da militância científica de Marino Miguel Franzini e da atividade regular do Observatório Meteorológico do Infante D. Luís. Num outro cenário de prática científica temos o texto *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e a epidemia de cólera de Lisboa de 1894. Debates e polémicas científicas*, estudo levado a cabo por Alexandra Marques, com supervisão de José Pedro Sousa Dias e de Maria de Fátima Nunes. Centrado no problema das epidemias de cólera na Europa de fim de século XIX, o texto explora as preocupações sanitárias dos Estados a partir do debate travado na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, com papel de destaque para a argumentação do diretor do Instituto Bacteriológico de Lisboa: Luís da Câmara Pestana.

O *Associativismo em história e internacionalismo: a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (1911–28)*, de Ricardo de Brito elucida aspetos inovadores referentes à *Revista de História*, como suporte de disseminação da cultura científica europeia e a intelectualidade republicana.

Visando os espaços de investigação – laboratórios, Ângela Salgueiro discorre sobre *Os institutos de investigação universitários e os fenómenos de internacionalização científica em Portugal nos anos 20*, aferindo-se a relação entre trabalho dos institutos e participação portuguesa em congressos internacionais, de onde vão emergindo redes com as comunidades científicas ibero-americanas e com instituições estrangeiras congêneres. Numa linha de investigação totalmente complementar o leitor depara-se com *A Junta de Educação Nacional (1929/36) e as bolsas de estudo no país: promoção científica num Portugal «europeizado»*, de Quintino Lopes, almejando

traçar o perfil e a prática de bolsheiro da JEN no país, abrindo pistas de renovação de agenda a partir deste fator de internacionalização da Ciência em Portugal.

Ciência também rima tematicamente com nacionalismos. É este paradoxo que Fernando Clara nos oferece com o texto *Narcisismos Luso-Alemães. Do Internacionalismo da Ciência no tempo dos Nacionalismos*. Estudam-se relações entre Ciência, Nacionalismo e Política no contexto das relações luso-alemãs durante o nacional-socialismo, no período entre 1933/45, abrindo o debate sobre o internacionalismo científico e universalidade da Ciência. Num mesmo caldo de abordagem temos o capítulo de Cláudia Ninhos, *A divulgação da ciência “alemã” em Portugal pelos bolsheiros da JEN/IAC. O caso de Artur Varela Cid e da aeronáutica*.

Encerrado o cenário das Instituições é tempo de se tomar contacto com os *Agentes e Dinâmicas* da Ciência e da Internacionalização da Ciência na Europa dos séculos XVIII-XX.

Começamos pela análise de um *Epistolário científico e internacionalização da história natural setecentista*, a cargo de João Brigola que nos desvenda as teias relacionais entre Naturalistas do Museu de História Natural da Ajuda (e.g. Domingos Vandelli) e os congéneres europeus, fluxos por onde passavam informações sobre jardins botânicos, herbários, espécimes exóticos provenientes dos territórios ultramarinos, como o Brasil. A partir do Brasil, enquanto espaço de dinâmica científica, Rafael Dias da Silva Campos apresenta *O internacionalismo da medicina portuguesa: teses de luso-brasileiros em Montpellier*. Uma agenda de Luzes europeias que se fazem sentir no espaço Atlântico, ocidental, do Império Ultramarino português, defendendo que este não é apenas reprodutor, mas produtor de saberes ilustrados.

Ana Cardoso de Matos e Liliana Maia Pina são responsáveis por *O papel dos Congressos e das Exposições Universais no desenvolvimento da telegrafia eléctrica em Portugal (1855-1879)*, abrindo uma outra agenda os signos «Exposições Universais» e «Congressos Internacionais», instrumentos de circulação internacional de pessoas, de ideias e de tecnologia, no qual Portugal estava totalmente inserido.

Elisabete J. Santos Pereira aborda *Colecções privadas portuguesas no contexto científico internacional – António Paes da Silva Marques e Francisco Tavares Proença Júnior*. Um contributo que permite desvendar as teias (invisíveis) entre o colecionismo privado e a antropologia e arqueologia enquanto práticas científicas, no final do século XIX e a primeira metade do século XX. Ainda no território da arqueologia, Pedro Marques aborda a figura de *José Leite de Vasconcelos e o Additamenta nova ad corporis volumen II de 1913: a epigrafia do conuentus Pacensis*. Uma forma de inserir a internacionalização da epigrafia latina encontrada em Portugal numa visão internacional do trabalho de Leite de Vasconcelos. Num registo comparável – o *focus* de análise numa personalidade da cultura e da ciência –, Sara Cristina Silva aborda

Reynaldo dos Santos (1880-1970): entre o internacionalismo científico e o “diletantismo” artístico. O médico e o historiador de arte em contextos de reconhecimento internacional e de estratégia de difusão pública do património artístico português.

É tempo de voltar a olhar o espaço ultramarino. Desta vez Moçambique, pela escrita de Luís Pequito Antunes: *Relações de vizinhança e internacionalização da ciência em Moçambique: os encontros científicos realizados em Lourenço Marques (actual Maputo) entre 1913 e 1968.* Tema central: encontros científicos organizados pela *South African Association for the Advancement of Science*, pela *Union of South Africa Medical Association* e pela *South African Museums Association* em Lourenço Marques (Moçambique), com o apoio da administração e serviços coloniais e contributo para nova visão da «ciência colonial».

Ana Carina Azevedo conduz-nos para *A transferência de conhecimentos de organização científica do trabalho: o papel dos consultores internacionais em organização.* No século XX a difusão internacional da organização científica do trabalho, em diversos países, relaciona-se com o desenvolvimento do sector da consultoria em organização, fatores determinantes que nos ajudam a entender a dinâmica de atores nas instituições produtivas e científicas, num registo internacional.

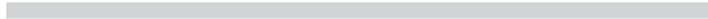
Manuel Correia apresenta-nos um modelo de boa organização científica em função de um objetivo: *Portugal-Brasil: mola real do Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina de Egas Moniz (1949).* É ainda no âmbito das estratégias de internacionalização e consagração científica que se insere o contributo de Ana Cristina Martins: *O 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (1958) entre a internacionalização da ciência e o internacionalismo científico.* Um Congresso de encontro de duas gerações de arqueólogos: os consagrados de fim de século XIX e a emergência da dinâmica científica em Portugal da *New Archaeology*, de matriz anglo-saxónica.

Por último, num olhar sistémico e pluridisciplinar, o estudo de Cristina Emília Silva e Gonçalo Furtado, *Divulgação Internacional da Arquitectura Portuguesa, 1977-1983*, permitindo uma comparabilidade temática, e de agendas de investigação, com a internacionalização da ciência, instituições e atores.

Finalmente, queremos deixar uma palavra de profundo agradecimento, e de incentivo, à Ângela Salgueiro e ao Quintino Lopes, bolseiros de doutoramento da FCT, que se envolveram entusiasticamente no trabalho editorial deste livro. Foi um grande prazer académico e pessoal termos sido acompanhadas pelos doutorandos FCT, sinal muito claro e inequívoco que a geração de bolseiros de doutoramento percorre, com gosto, vários caminhos de prática de investigação.

Maria de Fátima Nunes

Maria Fernanda Rollo



II

AGENTES E DINÂMICAS



Divulgação Internacional da Arquitectura Portuguesa, 1977-1983¹

Cristina Emília Silva, Faculdade de Arquitectura-UP (cristinaemiliaarq@gmail.com)²
Gonçalo Furtado, Faculdade de Arquitectura-UP

Resumo: O presente artigo foca a divulgação internacional da Arquitectura Portuguesa no período 1977-1983, o qual funciona como charneira. Tal decorre da investigação “A Percepção Internacional da Arquitectura Portuguesa 1976-1992”. A análise da difusão da Arquitectura Portuguesa no período 1977-1983 far-se-á através dos seguintes aspectos: número de eventos em que é mencionada; a sua distribuição geográfica; os temas que permanecem como objecto de interesse; a introdução de outros temas; algumas individualidades que prosseguem o seu trabalho de divulgação anterior e outras novas individualidades que iniciam tal actividade; e por fim o contexto teórico de alguns países onde a Arquitectura Portuguesa é apresentada.

Palavras-chave: Arquitectura Portuguesa; Siza Vieira; Divulgação Internacional; 1977-1983.

Abstract: This article's focus on the dissemination of Portuguese Architecture internationally, from 1977 to 1983, presented as a turning point. This work is supported by the research thesis “The International Perception of Portuguese Architecture 1976-1992”. The salient aspects of the paper are: number of events where Portuguese Architecture is mentioned and their geographical location; the subjects that still remain as objects of interest; the introduction of other subjects; individuals that continue their work disseminating and newcomers at this activity; and finally the theoretical context of some of the countries where Portuguese Architecture was presented.

Keywords: Portuguese Architecture; Siza Vieira; international Dissemination; 1977-1983.

1 Por decisão dos autores, este texto não segue o novo acordo ortográfico.

2 O trabalho realiza-se no âmbito do Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e conta com o financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/69058/2010).

A PROGRESSÃO DE EVENTOS COM REFERÊNCIAS À ARQUITECTURA PORTUGUESA

Como referido, interessa começar a abordagem deste artigo mediante uma referência à progressão da quantidade de eventos (publicações, exposições e congressos) em que a Arquitectura Portuguesa foi mencionada. Segundo a nossa análise verifica-se, desde logo, uma tendência de aumento ao longo dos sete anos que compreendem este período (1977-1983) no respeitante ao número desses eventos, não sendo, no entanto, uma progressão linear.

Em 1976, o ano imediatamente anterior ao intervalo de tempo em foco, identificámos a existência de nove eventos com referência à Arquitectura Portuguesa. No entanto, segue-se uma ligeira diminuição desse valor em 1977 e em 1978, sendo o valor retomado em 1979. Nos dois anos seguintes, em 1980 e 1981, voltámos a identificar um aumento de eventos. O ano de 1982 apresenta uma quebra excepcional. Em 1983 o valor de eventos aumenta para o número de vinte e oito. Este aumento sobressai no intervalo de tempo abordado, abrindo um período posterior em que se manterá em valores elevados.

A DIVULGAÇÃO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA SURGIDA EM DISTINTAS GEOGRAFIAS

O alcance geográfico da difusão Internacional da Arquitectura Portuguesa vai sendo ampliado no período 1977-1983.

Ressalta que há um conjunto de países próximos geograficamente de Portugal – Espanha, Itália, França e Alemanha – que constituem o núcleo duro da difusão da Arquitectura Portuguesa. Gradualmente outros territórios europeus vão-se associando, incluindo Inglaterra, Suíça, Finlândia e Holanda e, pontualmente, a Bélgica e a Grécia. Por outro lado, a Arquitectura Portuguesa surge referida em eventos além Europa, como o Japão na Ásia, e o Canadá, o Brasil, a Colômbia ou a Argentina nas Américas.

OS TEMAS QUE CONTINUAM A DESPERTAR INTERESSE INTERNACIONAL

De maior importância reveste-se a análise dos temas que se destacaram na divulgação da Arquitectura Portuguesa. Desde logo alerta-se que se mantém os

temas-chave presentes anteriormente, os quais dominam os primeiros anos do período em análise (1977-1983), nomeadamente o processo do SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) e o trabalho do arquitecto Siza Vieira.

O interesse suscitado noutros países pelo SAAL decorre de uma série de aspectos. Desde logo, a atracção pela transformação política em Portugal, assim como o enfoque na resolução dos problemas de habitação, o que também consistia em preocupações noutros países. Em simultâneo, identifica-se um interesse crescente pelo trabalho de Siza, que procede de um esforço de divulgação deste autor, em que se destacou a iniciativa de Nuno Portas³.

Constata-se que a relevância do tema SAAL diminui paralelamente ao aumento das referências ao trabalho de Siza Vieira. Obviamente que para este efeito decerto contribuiu a vigência do programa SAAL, isto é, entre Agosto de 1974 e Outubro de 1976. Identifica-se que continuará a ser publicada alguma habitação social construída em Portugal, mas já fora do âmbito SAAL. Por outro lado, identifica-se que o surgimento do momento em que se tornam residuais as referências ao SAAL coincide com a publicação de outros temas, presentes nas obras de outros arquitectos nacionais. Alguns destes serão objecto da nossa atenção mais adiante.

ALGUNS DIVULGADORES RELEVANTES EM EVENTOS DE DESTAQUE

Passamos a enumerar cronologicamente, e com referência aos temas já mencionados, alguns protagonistas que se destacaram neste período.

Desde logo e relativamente ao tema-chave SAAL, que dominou o início do período, destaca-se a importância de ter levado à publicação de um livro intitulado *Política e projecto: uma experiência com base em Portugal*, primeiro em Itália, em 1977⁴, e depois em Espanha, em 1978⁵. Os autores deste livro são o arquitecto italiano Francesco Marconi e a matemática portuguesa Paula Oliveira, com prefácio de Nuno Portas. Importa referir o percurso do autor italiano por ser expressivo do contexto que se vivia na época e do interesse internacional por este tema específico. Enquanto estudante de arquitectura em Roma, o autor fora bastante sensibilizado para as questões sociais, políticas e as opções arquitectónicas. Depois de ter visitado

3 Portas importou uma estratégia similar à que o governo Francês usava na época, na difusão do 'cinema de autor', para a divulgação internacional da Arquitectura Portuguesa, designada como 'politique des auteurs'. Tal foi por nós explicitado em SILVA; FURTADO. 2012.

4 Embora não tenhamos tido acesso à edição em Italiano, encontrámo-lo referenciado como OLIVEIRA; MARCONI. 1977.

5 OLIVEIRA; MARCONI. 1977.

Portugal em 1972, regressou em 1975, altura em que optou por ficar para coordenar uma equipa SAAL em Coimbra durante dois anos. Paralelamente à elaboração do livro organiza, em conjunto com Franco Purini, Emílio Battisti⁶, Pierluigi Nicolini e Roberto Collovà⁷, uma exposição itinerante sobre o SAAL em várias universidades italianas, acompanhada de conferências. Os oradores convidados foram Nuno Portas, Siza Vieira e Alexandre Alves Costa, os quais realizaram em 1977 o conhecido périplo pelas Universidades de Turim, Milão, Veneza, Pescara, Roma, Cosenza, Reggio Calabria e Palermo⁸.

Relativamente ao segundo tema-chave do universo identificado, a obra de Siza Vieira, reiteramos a ocorrência de uma exponenciação do interesse internacional pelo seu trabalho. Tal como referimos, esta exponenciação afere-se, desde logo, pelo número de eventos e também pelo progressivo aumento de espaço que é atribuído a Siza com crescente tendência para um carácter monográfico.

Salientamos a ocorrência de uma exposição totalmente dedicada ao trabalho de Siza Vieira realizada, a convite de Vittorio Gregotti, no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão em 1979⁹. Gregotti foi o primeiro autor internacional a elaborar uma reflexão consistente sobre a obra de Siza Vieira¹⁰ e ao longo dos anos será determinante na divulgação internacional do trabalho do arquitecto português.

Esta exposição, de relativo carácter inaugural, é acompanhada de um catálogo que sintetiza a divulgação que tinha vindo a ser feita sobre o trabalho de Siza, reunindo a maioria dos seus principais divulgadores até àquela data: para além de Gregotti, encontram-se também Nuno Portas, Oriol Bohigas, Bernard Huet e Pierluigi Nicolini.

A concepção foi realizada pelo próprio Siza Vieira que seleccionou o material¹¹. O aspecto inaugural decorre do facto de ter servido de base (a que se associariam elementos novos) a uma mostra que percorreu, durante seis anos, na Europa, dez cidades de seis países diferentes, a maioria delas pela primeira vez.

É o arquitecto Siza que nos descreve o percurso da exposição informando que

6 Entrevista a Francesco Marconi, 24-10-2012.

7 MARCONI, Francesco, *Trajectórias* (em preparação). Neste documento Marconi refere a colaboração nesta iniciativa com Emílio Battisti, Pierluigi Nicolini e Roberto Collovà. Em *Casabella*. 2006: 73, Siza refere que foi a convite de Emílio Battisti.

8 MARCONI, Francesco, *Trajectórias* (em preparação). É possível que este grupo pudesse ter sido distinto, como por exemplo, nos foi referido por Hestnes Ferreira que esteve para integrar o grupo se uma obra sua em Lisboa não tivesse sido embargada pelo então Presidente da Câmara, Aquilino Ribeiro Machado, o que o impediu de sair do País. Entrevista a Hestnes Ferreira, 01-06-2012, Lisboa.

9 A exposição teve lugar entre 1 de Março e 30 de Abril de 1979. GREGOTTI; ROTA. 1979.

10 Artigo intitulado "Architettura recenti di Alvaro Siza", publicado no número 9 da revista Italiana *Controspazio*. GREGOTTI. 1972.

11 CASTANHEIRA; DIJK; BOASSON. 1984.

em 1979 a mostra, inicialmente exposta em Milão, foi também apresentada na Faculdade de Arquitectura de Veneza e em Berlim, no Internationales Design Zentrum (IDZ)¹². Em 1980 a exposição é patente na Escola Politécnica Federal de Lausanne, na Suíça; em 1982 a exposição é patente nos Museus de Arquitectura Finlandesa e de Alvar Aalto, em Helsínquia, e em Jyväskylä, na Finlândia; em 1983, a exposição é patente na Holanda, onde sob iniciativa da instituição Stichting Wonen iniciou um périplo por três cidades daquele país, no espaço da instituição em Amesterdão, na Universidade de Tecnologia em Eindhoven e na Universidade TU Delft, em Delft; e em uma cidade da Bélgica, no Museu de Design em Gant¹³. É ainda de referir que aquando da exibição na Holanda deu origem a uma edição monográfica, o número 9 da revista *Wonen-Tabk*¹⁴, consistindo no seu catálogo e na primeira edição sobre a obra de Siza dirigida a um público alargado naquele país¹⁵. A mostra inaugural na Finlândia ocorreu graças à iniciativa de Markku Komonen e o périplo na Holanda e na Bélgica deveu muito a Dorien Boasson.

ALGUNS NOVOS DIVULGADORES

De facto, o período entre 1977 e 1983 distingue-se pelo surgimento de um conjunto de novos divulgadores que designamos como ‘divulgadores de segunda geração’, isto é, divulgadores provenientes de Portugal que dão continuidade ao voluntarismo anterior, de pessoas como Nuno Portas, ou provenientes do estrangeiro, cujo conhecimento da Arquitectura Portuguesa resulta de eventos realizados pelos divulgadores referidos no início do capítulo anterior. Até então a divulgação provinha maioritariamente do conhecimento original do trabalho dos arquitectos portugueses, não sendo de subestimar a intermediação de portugueses neste processo como Nuno Portas, Hestnes Ferreira ou Duarte Cabral de Mello. Interessa, pois, atender à forma como aqueles que denominamos ‘divulgadores de segunda geração’ se cruzaram com a Arquitectura Portuguesa.

Identifica-se que os ‘divulgadores de segunda geração’ internacionais frequentemente referem como publicação onde conheceram a Arquitectura Portuguesa

12 CASTANHEIRA; DIJK; BOASSON. 1984.

13 CASTANHEIRA; DIJK; BOASSON. 1984.

14 *Wonen-Tabk*. 1983, 9-83; da referida instituição Stichting Wonen.

15 A Arquitectura Portuguesa já tinha sido objecto de publicação na Holanda em 1981, mas no âmbito da actividade de uma instituição de ensino, o Bouwcentrum International Education de Roterdão, actualmente conhecido como IHS – Institute for Housing and Urban Development Studies, e destinada aos seus alunos, como preparação para uma visita que realizaram nesse ano a Portugal para estudar a resolução adoptada para os problemas de habitação social.

o emblemático número 185 da revista francesa *L'Ojd*. Por exemplo, foi assim que Markku Komonen conheceu a obra de Siza¹⁶ e pretendeu divulgá-la na Finlândia¹⁷. Também na Alemanha, por exemplo, Brigitte Fleck encontraria no número 185 da revista *L'Ojd*, de 1976, a possibilidade de estender o conhecimento que adquirira sobre a obra do arquitecto Siza na revista Portuguesa *Arquitectura*, que despertara a sua atenção numa visita de turismo a Portugal em 1977¹⁸. Curiosamente Fleck referiu-nos ter usado como argumento para que Siza fosse convidado a participar no IBA o catálogo da sua exposição no Pavilhão de Arte Contemporânea de Milão de 1979¹⁹, ao qual fizemos referência. Para Laurent Beaudouin, a descoberta de Siza Vieira foi feita através do já referido artigo de Gregotti no número 9 da revista *Controspazio* de 1972, tendo também o número 185 da revista *L'Ojd* propiciado um aprofundamento do conhecimento, nomeadamente quanto às experiências do SAAL em Portugal²⁰.

Por último, deve-se ainda referir Toshiaki Tange e Toshio Nakamura, por terem sido precursores na divulgação da obra de Siza Vieira no Japão. Tange vivia em Barcelona desde 1971 e era correspondente da *A+U* desde 1977 quando, em 1980, propõe ao então director da revista, Nakamura, a realização de um número monográfico sobre Siza. Pep Bonet, do Studio Per, apresentara a obra de Siza a Tange²¹. Nakamura aceitou desde logo a proposta do correspondente devido à curiosidade que tinha sobre o que se passava em Portugal²².

Nesta 'segunda geração' de divulgadores da Arquitectura Portuguesa destacam-se também personalidades nacionais, como os arquitectos José Paulo dos Santos ou Carlos Castanheira. Santos, a partir de Inglaterra, travou então conhecimento com pessoas que continuaram a divulgar a Arquitectura Portuguesa no estrangeiro. Em Londres partilhou apartamento com Wilfried Wang²³ e integrou o Conselho editorial da revista *9H*²⁴, fundada pelo Alemão Wang em conjunto com

16 Entrevista a Markku Komonen, 01-11-2012.

17 Komonen foi o autor de dois artigos publicados na revista *Arkkitehti*. KOMONEN. 1980; KOMONEN. 1983. Komonen foi responsável pela realização de exposições no Museu de Arquitectura Finlandesa e no Museu Alvar Aalto em 1982. Todas estas iniciativas se centraram no tema Siza Vieira.

18 Entrevista a Brigitte Fleck, 04-10-2012. Fleck foi responsável por uma entrevista a Siza Vieira publicada no número 2 da revista *AMC* em 1983.

19 Entrevista a Brigitte Fleck, 04-10-2012.

20 MACHABERT; BEAUDOUIN. 2009: 13-14. Beaudouin e Christine Rousselot são os autores de uma entrevista a Siza publicada no n.º 44 da revista Francesa *AMC*. ROUSSELOT; BEAUDOUIN. 1978: 33-41. Beaudouin e Rousselot são os autores de um número monográfico da *L'Ojd* sobre Siza Vieira. *L'Architecture d'Aujourd'hui*. 1980: LIX-80.

21 Tange já tinha publicado um artigo sobre o SAAL na revista Japonesa *Chubu Kensetsu Journal* em 1979. Entrevista a Toshiaki Tange, 21-08-2012.

22 Entrevista a Toshiaki Tange, 21-08-2012.

23 Entrevista a José Paulo dos Santos, 24-10-2012.

24 Entrevista a Wilfried Wang, 03-10-2012.

o Tanzaniano Nadir Tharani, em 1979, até ao penúltimo número dos nove editados. A arquitectura Portuguesa marca presença em quatro números, dos nove editados da *9H* entre 1979 e 1995²⁵. Todos estes artigos resultaram da iniciativa Santos, com excepção do artigo de Wang sobre a casa de Siza em Ovar²⁶. A primeira referência à Arquitectura Portuguesa na *9H* coincidiu também com a primeira conferência de Siza Vieira em Inglaterra, a qual resultou igualmente da iniciativa de Santos que organizou, em conjunto com Wang, um ciclo de conferências intitulado “Architects under work”, em redor de 1980 e 1981²⁷. Como referido, contactos travados por Santos contribuíram para a extensão da geografia da divulgação da Arquitectura Portuguesa, nomeadamente com Wang, Kenneth Frampton, Jean Paul Rayon e Josep Lluís Mateo que aprofundaram os seus interesses pelo trabalho dos arquitectos Portugueses, contribuindo para a sua posterior difusão. Castanheira colaborou com Boasson na realização do segundo número monográfico que a já referida revista Holandesa *Wonen-Tabk*, dirigida por Hans van Dijk, dedicou desta feita, à Escola do Porto em 1983²⁸.

Interessa reter que aqueles que designamos como ‘divulgadores de segunda geração’, nacionais ou internacionais, operaram uma consolidação e expansão das geografias da divulgação internacional da Arquitectura Portuguesa.

A DIVERSIFICAÇÃO DOS TEMAS DIVULGADOS SOBRE ARQUITECTURA PORTUGUESA

Identifica-se com frequência uma coincidência entre ‘divulgadores de segunda geração’ e o surgimento de novos temas. Isto é, temas não restritos à habitação social produzida no SAAL, assim como a obras de outros arquitectos para além de Siza.

Entre os exemplos de trabalhos de arquitectos a serem introduzidos neste período incluem-se o edifício precisamente de habitação social não realizado ao abrigo do SAAL, o Bairro de Chelas, de Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, publicado em dois anos consecutivos em Inglaterra por iniciativa de Santos²⁹ e de Geoff

25 A Arquitectura Portuguesa figuraria logo em 1980 no número 2 da revista.

26 Artigo publicado no número 7 da revista *9H* de 1985. WANG. 1985: 53-59.

27 Entrevista a José Paulo dos Santos, 24-10-2012, e entrevista a Wilfried Wang, 19-11-2012.

28 *Wonen-Tabk*. 1983, 22, 23-83. Neste número é também incluído um texto sobre construção ilegal em Lisboa; e o tema SAAL ainda é referido COSTA. 1983: 25-31.

29 BYRNE. 1980: 18-21. Neste número 2 da revista *9H* é também publicado Siza Vieira com um texto de Souto de Moura (MOURA. 1980: 12); e dois projectos de Siza Vieira antecedido por um texto de José Paulo dos Santos (SANTOS. 1980: 13-17).

Markham³⁰. Também por iniciativa de Markham é publicada a Escola Secundária em Benfica de Hestnes Ferreira, em 1981³¹. Markham conheceu a Arquitectura Portuguesa quando esteve a trabalhar em Portugal, na sequência de um convite aquando da sua participação num workshop ministrado pelo arquitecto Português Carlos Tamm Gomez na Alemanha³².

Exemplos de outros projectos de arquitectos portugueses publicados no estrangeiro em 1983 incluem o projecto de uma habitação de Nuno Portas em Espanha³³; a extensão do Museu em Amarante, de Alcino Soutinho, em Itália³⁴ e uma casa na Quinta da Malagueira, de Nuno Ribeiro Lopes, também em Itália³⁵.

Noutros eventos são divulgados simultaneamente mais que um arquitecto português, tal como acontece em algumas dessas iniciativas levadas a cabo por Santos e Castanheira. Tal facto permite um paralelo entre a anterior actividade de Nuno Portas e a de Santos, para além do pioneirismo em determinadas geografias. Se Portas optou por usar como tema principal o trabalho de Siza Vieira e como secundário o trabalho de arquitectos seus antecessores, como Fernando Távora e Teotónio Pereira, Santos e Castanheira decidiram divulgar o trabalho de Siza em conjunto com o de outros arquitectos mais novos.

Veja-se, por exemplo, o numero 5 da *9H* de 1983 em que Santos opera como editor-chefe, onde decide a publicação de projectos realizados por profissionais pouco conhecidos³⁶. Portugal surge representado por trabalhos de Souto de Moura³⁷, Adalberto Dias³⁸, Virgínio Moutinho³⁹, João Carreira⁴⁰, Carlos Prata⁴¹ e Nuno Ribeiro Lopes⁴².

Outra edição onde são publicados trabalhos de Siza em conjunto com o de outros arquitectos mais novos é o anteriormente referido número 22/23 da *Wonen-Tabk*, também publicado em 1983⁴³, que proveio da colaboração de Castanheira e Boasson. O número da revista inclui para além de alguns textos⁴⁴, os trabalhos

30 MARKHAM. 1981a: 14-15.

31 MARKHAM. 1981b: 20-21.

32 Entrevista a Geoff Markham, 10-06-2012.

33 PORTAS. 1983: 27-29.

34 P. G. 1983: 36, 37.

35 *Lotus International*. 1983: 86-87.

36 Entrevista a José Paulo dos Santos, 24-10-2012, Porto.

37 MOURA. 1983a: 49.

38 DIAS. 1983a: 50-51; DIAS. 1983b: 53.

39 MOUTINHO. 1983: 54-56.

40 CARREIRA. 1983: 57.

41 PRATA. 1983: 58.

42 LOPES. 1983: 60.

43 *Wonen-Tabk*. 1983, 22, 23-83.

44 DIJK. 1983: 11; VEEN. 1983: 12-17; CASTANHEIRA; BOASSON. 1983: 18-24; COSTA. 1983: 25-31; MENDES. 1983: 32-44.

de dezassete práticas profissionais Portuguesas⁴⁵, incluindo Siza Vieira, outros da sua geração, bem como da anterior e posterior. São eles Fernando Távora, Alcino Soutinho, Rolando Torgo, Siza Vieira, Pedro Ramalho, Jorge Gigante/Francisco Melo/José Gigante, Alexandre Alves Costa/António Corte-Real/José M. Carvalho/José M. Soares, Sérgio Fernandez, Manuel Fernandes, Bernardo Ferrão/Francisco Barata, Adalberto Dias, Henrique Carvalho/Carlos Prata, Eduardo Souto de Moura, Manuel Mendes, Rogério Cavaca, Virgínio Moutinho e por último António Corte-Real.

O CONTEXTO TEÓRICO DA RECEPÇÃO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA EM GEOGRAFIAS ESPECÍFICAS

Interessa agora focarmo-nos no contexto teórico da recepção da Arquitectura Portuguesa em geografias específicas. Refira-se ser precisamente neste período que a difusão da Arquitectura Portuguesa foi norteada pela defesa de determinados valores, clarificando e consolidando posturas ideológicas, em sintonia com as defendidas por alguns protagonistas e eventos internacionais. Apesar das diferenças de dimensão e estatuto podemos ilustrar este aspecto com o exemplo de duas edições da especialidade, a revista *9H* em Inglaterra e a *Casabella* em Itália, assim como a exposição da secção de Arquitectura no Festival de Outono em Paris.

Em Inglaterra, segundo Wilfried Wang, existia então de certa forma um ambiente particularmente adverso à aceitação de outras arquitecturas que não provenientes do seu território⁴⁶. De acordo com Wang, as revistas profissionais de arquitectura não publicavam arquitectura continental, à excepção de muito esporadicamente alguma alemã⁴⁷. José Paulo dos Santos corrobora as afirmações de Wang e acrescenta que a não publicação de arquitectura de países periféricos era uma tendência que se estendia a muitas revistas de maior tiragem⁴⁸. Estavam também identificados os seus ‘inimigos’: Charles Jencks que como recorda Santos dominava a *Architectural Design*⁴⁹ com o seu discurso Pós-modernista vigente, ao qual ele e Wang queriam contrapor outra postura ideológica. Havia ainda outra voz contra a que eles se insurgiam, como a do presidente da Architectural

45 *Wonen-Tabk*. 1983, 22, 23-83: 45-57.

46 Entrevista a Wilfried Wang, 03-10-2012.

47 Entrevista a Wilfried Wang, 03-10-2012.

48 Entrevista a José Paulo dos Santos, 24-10-2012.

49 Entrevista a José Paulo dos Santos, 24-10-2012.

Association, Alvin Boyarsky, que proclamava como arquitectos da nova geração pessoas que ainda não tinham construído, como por exemplo Zaha Hadid⁵⁰.

Geoff Markham, o já referido autor de dois textos publicados em Inglaterra, explica que dado a arquitectura em Inglaterra estar então dominada pela facção Pós-modernista, na qual Portugal não tinha qualquer representante de relevo até à emergência de Tomás Taveira, a Arquitectura Portuguesa não era valorizada⁵¹. Afirma que a Escola do Porto não era desconhecida, mas antes vista pelas suas características formais, como o último bastião do modernismo, estando todos ainda longe de prever que viria a ter o reconhecimento que obteria mais tarde⁵².

Os esforços de divulgação da Arquitectura Portuguesa no mesmo território de Wang, Santos e Markham foram contemporâneos. No entanto, Markham apercebeu-se da ocorrência de mudança no interesse em editores da especialidade quando, em 1983, contactou os editores da *Architectural Review* e lhes levou os dois exemplares da *Wonen-Tabk* de 1983, por nós referidos, e estes se mostraram interessados, embora só tenham vindo a publicar Arquitectura Portuguesa mais tarde⁵³.

Por seu lado, Wang e Santos, em conjunto com a restante equipa editorial, montaram a *9H* como um claro projecto ideológico⁵⁴. Procuravam uma alternativa às saídas ‘modernistas’ e ‘pós-modernistas’ que eram na altura debatidas⁵⁵, e muito focadas nas arquitecturas realizadas nos países do centro. Daí que para isso tenham procurado criar uma boa rede de trabalho com colegas do Sul da Europa, nomeadamente de Portugal, Itália, Grécia, países de onde eram originários os colaboradores na *9H*⁵⁶. As conferências e a designação do ciclo “Architects under work” que Santos e Wang organizaram em 1980-81 (?) surgiram no seguimento do seu projecto editorial e constituíram uma tentativa de desmontar o raciocínio de Boyarsky que privilegiava arquitectos sem obra construída⁵⁷. À semelhança de Markham, também Santos notou uma tendência de mudança, acreditando que as conferências tiveram impacto e consequências⁵⁸. Tal expressou-se, por exemplo, no convite de Alvin Boyarsky, que antes negara interesse na arquitectura de Siza, para organizar

50 Entrevista a Wilfried Wang, 19-11-2012.

51 Entrevista a Geoff Markham, 10-6-2012.

52 Entrevista a Geoff Markham, 10-6-2012.

53 Entrevista a Geoff Markham, 10-6-2012.

54 Refira-se de passagem que Duarte Cabral de Mello nos referenciou a consideração que o Americano Peter Eisenman nutria pelos editores da *9H* num depoimento (a 14-12-2011 em Lisboa). Por seu lado, José Paulo dos Santos destacou de entre as revistas de maior tiragem daquela época como inspiradoras por se assumirem como revistas de ensaio, o projecto de Eisenman, a *Oppositions*, à qual juntou a *Lotus International* (depoimento de José Paulo dos Santos a 24-10-2012, Porto).

55 Entrevista a Wilfried Wang a 19-11-2012.

56 Entrevista a Wilfried Wang a 19-11-2012.

57 Entrevista a Wilfried Wang a 19-11-2012.

58 Entrevista a José Paulo dos Santos a 24-10-2012.

um ciclo de conferências na Architectural Association em 1983, na sequência do número 5 da revista *9H*, por nós referido. Santos afirma que foi neste ciclo que pela primeira vez Souto de Moura, o único Português a deslocar-se a Londres, se encontrou com Herzog para dar uma conferência⁵⁹.

Em Itália deparamo-nos com um contexto oposto ao inglês, onde a Arquitectura Portuguesa era já acolhida como próxima da postura teórica defendida na revista *Casabella*. A entrada de Vittorio Gregotti como seu director em 1982 com o número 478 da *Casabella*, cargo que ocupou até 1996, marca a publicação da Arquitectura Portuguesa pelo menos uma vez por ano naquela revista até 1992.

O referido número 478 abre com o projecto da Malagueira de Siza Vieira⁶⁰, o que é revelador do destaque do trabalho do arquitecto português, aqui inserido numa problemática mais ampla. Chiara Baglione, no posterior livro sobre as direcções que passaram na *Casabella*, entende a publicação do projecto de Siza como um retorno à tradição veiculada pela direcção de Ernest Nathan Rogers da mesma revista entre 1953 e 1965⁶¹. Este argumento é no entender de Baglione⁶² reforçado pelo facto de Gregotti ter, no âmbito do primeiro número assinado (apesar de ausente de um ‘programa editorial’), um texto intitulado “L’ossessione della storia”⁶³, como resposta à mostra “La presenza del passato” comissariada por Paolo Portoghesi na Bienal de Veneza de 1980, ao qual se juntou um artigo de Anthony Vidler que ataca a teoria de Charles Jencks sobre o Pós-Modernismo⁶⁴. É interessante notar que o referido Rogers também participou na formação de Huet (o referido director da revista *L’Ojd* n.º 185).

Em França podemos identificar então uma coincidência da postura da arquitectura Portuguesa e uma certa corrente teórica defendida internacionalmente, na exposição de Arquitectura do Festival de Outono de Paris, em 1982. Esta exposição, expressivamente intitulada *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes* contou com a inclusão de um trabalho de Siza Vieira. Michel Guy, enquanto Director Geral do Festival de Outono, posiciona, no âmbito do prefácio do catálogo, esta mostra no centro do debate internacional sobre o Pós-Moderno e o Moderno na arquitectura⁶⁵. Guy quisera procurar um contraponto a uma exposição do ano

59 Entrevista a José Paulo dos Santos a 24-10-2012.

60 RAYON. 1982: 2-15.

61 Gregotti colaborou com Rogers, enquanto editor entre 1953 e 1955, assumindo ter recebido forte influência. Gregotti na *Casabella* citado em BAGLIONE. 2008: 511.

62 BAGLIONE. 2008: 514-515.

63 GREGOTTI. 1982: 40-41.

64 VIDLER. 1982: 32-33.

65 *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*. 1982, prefácio.

anterior em Paris (1981), representativa do Pós-Modernismo, mais precisamente a reposição da referida mostra “A Presença do Passado” da Bienal de Veneza⁶⁶. Para fomentar o debate e clarificar posições, Guy organizou esta exposição à qual deu o eloquente título que integra a citação da designação de um artigo de Jürgen Habermas de 1980. É de referir que José Paulo dos Santos colaborou com a sua organização. É neste contexto que o projecto da Quinta da Malagueira de Siza é exposto e publicado no catálogo⁶⁷, junto de trabalhos de outros trinta e nove arquitectos de países como a França, a Áustria, a Dinamarca, a Checoslováquia, o Irão, o escritório de Bohigas ou de Moneo da Espanha, Gregotti ou Piano de Itália, Colquhoun e Miller ou Smithsons de Inglaterra, Kleihues da Alemanha Ocidental (ainda designada como RFA), Snozzi da Suíça, Pallasmaa e Gullichsen da Finlândia, Doshi da Índia, Ando, Isozaki do Japão, ou ainda Meier dos EUA.

CONCLUSÃO

Inicialmente, a análise meramente quantitativa permitiu perceber como é que a divulgação da Arquitectura Portuguesa emergiu desde o núcleo geográfico duro, constituído pela Espanha, Itália, França e Alemanha, a que se associaram contextos mais longínquos de Portugal, como Inglaterra, Suíça, Finlândia e Holanda, e para lá da Europa, a Ásia e as Américas, como Japão, Canadá, Brasil, Colômbia e Argentina.

No período 1977-1983 identificámos o prolongamento dos temas SAAL e da obra de Siza Vieira, e constatámos ainda que os temas da Arquitectura Portuguesa que acolhiam interesse internacional se diversificariam em paralelo com o aumento de divulgadores.

No artigo argumentámos a emergência de uma segunda geração de divulgadores estrangeiros que conheceu a Arquitectura Portuguesa através do trabalho duma primeira geração em eventos internacionais, destacando-se o referido número 185 da revista Francesa *L'Ojda*, de 1976. Em tal grupo identificámos, por exemplo, Markku Komonen, Brigitte Fleck, Laurent Beaudouin, Dorien Boasson e ainda Toshiaki Tange e Toshio Nakamura.

No artigo argumentámos também a emergência de uma segunda geração de divulgadores portugueses que daria continuidade ao trabalho do grupo de

66 *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*. 1982, prefácio.

67 *La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*. 1982: 128-131.

divulgadores portugueses anterior, marcado pelo voluntarismo de Nuno Portas, tendo destacado Carlos Castanheira e José Paulo dos Santos. Argumentámos que esta segunda geração de divulgadores nacionais, fazendo uso da sua posição geográfica privilegiada e aproveitando a existência de maior receptividade internacional à Arquitectura Portuguesa, passaria a divulgar simultaneamente mais que apenas um arquitecto português.

A este voluntarismo dos divulgadores nacionais de segunda geração correspondeu uma abertura internacional à Arquitectura Portuguesa, que foi tão procurada quanto conquistada. Tal ocorreu, por exemplo, em Inglaterra com a revista *9H* a publicar arquitectura de países periféricos. Em Itália, Gregotti dava espaço à Arquitectura Portuguesa na *Casabella* como expressão da atitude projectual que promovia enquanto director da revista. Em França, Siza Vieira era escolhido para integrar uma exposição expressivamente intitulada *La Modernité, un projet inachevé...*

Por último, interessa agora também enfatizar ter sido no período 1977-1983 que ocorreu a passagem de uma divulgação praticamente ocasional da Arquitectura Portuguesa para uma mais frequente e também em locais geográficos cada vez mais distantes. Esta presença fez-se mediante referência ao trabalho de diversos arquitectos nacionais, através da actuação de um número maior de divulgadores, ao mesmo tempo que o reconhecimento da obra de Siza foi expandido internacionalmente.

Julgamos pois que a narrativa que traçámos deixa ainda claro que a Arquitectura Portuguesa, ou a obra de Siza em particular, não é como alguns entendem periférica (geográfica ou conceptualmente), coincidindo com o centro do debate disciplinar internacional de então. A nosso ver, o epíteto de “marginal” usado pelos divulgadores nacionais e internacionais, com que éramos apresentados na Europa, coincidiria depois como ilustração para teorias em conformação da Terceira Via/Regionalismo Crítico. Esta designação fixada por Tzonis e Lefaivre no início da década de 80 afirma-se então como alternativa à globalização tardo-capitalista aos estilos pós-modernos eclécticos. Foi a inserção na antes referida corrente de resistência crítica que definitivamente catapultaria a Arquitectura Portuguesa e a “Escola do Porto”, em particular, para um lugar próprio no debate internacional.

REFERÊNCIAS

- BAGLIONE, Chiara. 2008, *Casabella 1928-2008*, Arnoldo Mondadori Editore/Mondadori Electa Spa, Milão.
- BYRNE, Gonçalo. 1980, "A Proposal for Urban Architecture". *9H*, 2: 18-21.
- CARREIRA, João. 1983, "Dentist Surgery. Oporto". *9H*, 5: 57.
- Casabella*. 2006, "Modernismo senza dimenticare la storia" conversazione con Álvaro Siza". 744.
- CASTANHEIRA, Carlos; BOASSON, Dorien. 1983, "Porto. Momenten uit de geschiedenis van een stad". *Wonen-Tabk*, 22, 23-83: 18-24.
- CASTANHEIRA, Carlos; DIJK, Hans van; BOASSON, Dorien. 1984, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, Ministério da Cultura/Direcção-Geral dos Serviços Centrais, Lisboa.
- COSTA, Alexandre Alves. 1983, "Beelden van een bevrijde stad. Het korte leven van de SAAL in Porto". *Wonen-Tabk*, 22, 23-83: 25-31.
- DIAS, Adalberto. 1983a, "Shopping Gallery and Offices. Vila do Conde". *9H*, 5: 50-51.
- DIAS, Adalberto. 1983b, "Apartment Blocks. Ofir". *9H*, 5: 53.
- DIJK, Hans van. 1983, "Kritisch regionalisme en de School van Porto". *Wonen-Tabk*, 22, 23-83: 11.
- GREGOTTI, Vittorio. 1972, "Architettura recenti di Alvaro Siza". *Controspazio*, 9: 22-24.
- GREGOTTI, Vittorio. 1982, "L'ossessione della storia". *Casabella*, 478: 40-41.
- GREGOTTI, Vittorio; ROTA, Italo (colab.). 1979, *Álvaro Siza, Architetto 1954-1979*, Idea Editions/Edizioni del Padiglione d'Arte Contemporanea di Milano, Milão.
- KOMONEN, Markku. 1980, "Neilikavallunku - Mouksen Arkkitehti". *Arkkitehti*, 7.
- KOMONEN, Markku. 1983, "Portugalilainen kaupunkitradition heijastuksia, Álvaro Siza uusi suunjitelmä historillisessa Évorassa/Echoes of the Portuguese urban tradition. Álvaro Siza's new plan in old Évora". *Arkkitehti*, 8: 79-82.
- L'Architecture d'Aujourd'hui*. 1980, "Alvaro Siza, projets et réalisations 1970-1980", 211.
- La Modernité: un projet inachevé: 40 architectes*. 1982, Moniteur, Paris.
- LOPES, Nuno Ribeiro. 1983, "House in Évora". *9H*, 5: 60.
- Lotus International*. 1983, "A house of Quinta da Malagueira quarter at Évora. Nuno Lopez", 37.
- MACHABERT, Dominique; BEAUDOUIN, Laurent. 2009, *Álvaro Siza, uma questão de medida. Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin*, Caleidoscópio, Casal de Cambra.
- MARKHAM, Geoff. 1981a, "Top link - stunning it may be, but can the Chelas housing scheme withstand the test of habitation?". *Building Design*, 530: 14-15.
- MARKHAM, Geoff. 1981b, "School on the hill - a recent scheme in Lisbon reaches academic heights". *Building Design*, 531: 20-21.
- MENDES, Manuel. 1983, "De School van Porto. De mythe, de schaduw, het gezicht, het geheugen, het verlangen, mogelijke ontmoeting, op zoek naar een (on)werkelijk idee". *Wonen-Tabk*, 22, 23-83: 32-44.
- MOURA, Eduardo Souto de. 1980, "An 'Amoral' Architect". *9H*, 2: 12.
- MOURA, Eduardo Souto. 1983a, "Weekend House, Gerês". *9H*, 5: 49.
- MOURA, Eduardo Souto. 1983b, "City Market, Braga". *9H*, 5: 46-48.
- MOUTINHO, Virgínio. 1983, "Old Peoples's Home. Estarreja". *9H*, 5: 54-56.
- OLIVEIRA, Paula; MARCONI, Francesco. 1977, *Politica e progetto: un'esperienza di base in Portogallo*, Feltrinelli Economica Editrice, Varese.
- P., G. 1983, "Alcino Soutinho. Museo-Biblioteca ad Amarante". *Casabella*, 493: 36-37.
- PORTAS, Nuno. 1983, "Casa para Amalia Magan". *Obradoiro*, 8: 27-29.
- PRATA, Carlos. 1983, "Family House. Vila Praia de Ancora". *9H*, 5: 58.
- RAYON, Jean-Paul. 1982, "Álvaro Siza Vieira. Il quartiere Malagueira a Évora/Álvaro Siza Vieira. Malagueira housing Project at Évora". *Casabella*, 478: 2-15.
- ROUSSELOT, Christine; BEAUDOUIN, Laurent. 1978, "Entretien avec Álvaro Siza". *AMC*, 44: 33-41.

- SANTOS, José Paulo dos. 1980, "Two projects by Álvaro Siza, one for West Berlin and one for Vila do Conde in Portugal". *9H*, 2: 13-17.
- SILVA, Cristina Emília; FURTADO, Gonçalo. 2012, "Ideias da Arquitectura Portuguesa em viagem". *Joelho*, 3, (disponível em <http://iduc.uc.pt/index.php/joelho/article/view/415>).
- VEEN, René van. 1983, "De illegale bouw in Lissabon". *Wonen-Tabk*, 22, 23-83: 12-17.
- VIDLER, Anthony. 1982, "Una frittata di Clssici". *Casabella*, 478: 32-33.
- WANG, Wilfried. 1985, "House in Ovar, Portugal, 1984". *9H*, 7: 53-59.
- Wonen-Tabk*. 1983, "Project uit de school van Porto", 22, 23-83.
- Wonen-Tabk*. 1983. *Álvaro Siza - Architectuur en stadsvernieuwing in Portugal*, 9-83.
- Wonen-Tabk*. 1983. *Architectuur en stadsvernieuwing in Portugal - II*, 22, 23-83.
- Wonen-Tabk*. 1983. *Architectuur en stadsvernieuwing in Portugal*, 22, 23-83.